



Cogitare Enfermagem

ISSN: 1414-8536

cogitare@ufpr.br

Universidade Federal do Paraná
Brasil

de Araújo Püschel, Vilanice Alves
SER PROFESSOR DE ENFERMAGEM
Cogitare Enfermagem, vol. 17, núm. 1, enero-marzo, 2012, pp. 9-10
Universidade Federal do Paraná
Curitiba - Paraná, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=483648962001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

SER PROFESSOR DE ENFERMAGEM

Vilanice Alves de Araújo Püschel*

O que é ser professor de Enfermagem? O que é estar professor de Enfermagem? A tentativa de responder a essas perguntas nos remete a refletir sobre os significados dos dois verbos e dos sentidos que, pensando na profissão, expressam. Ser é verbo que denota existência, essência, pessoa, íntimo, enquanto estar significa encontrar-se em certo estado, condição, ou situação no tempo ou no espaço, como também exercer cargo ou função de [professor]. O último traz um sentido de transição temporal.

Para os já iniciados no papel de docente pode-se fazer outra pergunta: como você se tornou professor de Enfermagem? Aqui outro verbo pode ser considerado: tornar(-se) evidencia transformar(-se), estado ou transição, como em, parafraseando Pimenta⁽¹⁾, “*dormiu enfermeira e acordou professora de Enfermagem*”, como se o estado de sono tivesse o efeito mágico de produzir transformação na essência do ser que adormeceu.

O que se busca é mostrar que ser professor não é um estado mágico, mas exige preparo, formação, profissionalidade; isto porque é uma profissão que se faz na relação com seres em formação; seres que se tornarão os condutores da sociedade; na Enfermagem, seres do cuidado. Por isso, é necessário mais do que conhecimento específico, mas a formação no campo pedagógico.

Se perguntarmos qual professor o marcou, entre as dezenas que passaram por sua vida escolar, talvez você se lembre de um ou dois, os quais possivelmente extrapolaram o conhecimento da área. Porém, o marcaram por características de quem gostava do que fazia, interagia, se preocupava, conversava, estabelecia vínculo, compreendia, dava apoio, usava metodologias de ensino diferenciadas e instigava o desejo do conhecimento, da busca, da descoberta.

O que se pretende com essas breves reflexões? Estamos há dez anos da publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem, há 15 da publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e de tantos outros documentos publicados, como por exemplo, os do Fórum dos Pró-Reitores das Universidades Brasileiras. Quais foram os impactos dessas publicações na formação dos enfermeiros ou na formação dos professores de Enfermagem? É fato que muitos cursos estão em processo ou passaram por reorientação curricular. No entanto, ainda há predominância da metodologia tradicional de ensino, da figura do professor repassador [com exceções, é claro], de enfermeiros se tornando professores, sem o devido preparo pedagógico. Abrem-se aspas aqui para mencionar que os programas de pós-graduação que deveriam formar mestres, estão formando pesquisadores e que, salvo pequenas iniciativas, pouco se investe na formação do professor. Então, quem formará o professor e como se dará este processo?

Se pensarmos nos desafios postos na atualidade, entre eles a grande expansão dos cursos de Enfermagem no país (superior a 700% em dez anos); as crescentes demandas por saúde, impulsionadas pela mudança no perfil demográfico e epidemiológico da população; o novo perfil do jovem que chega à Universidade; as mudanças no mundo do trabalho em uma sociedade globalizada, que exige profissionais com competências para agir eficazmente em diferentes situações; há que se questionar: como estamos formando os enfermeiros? Eles saberão agir com competências? As Diretrizes Curriculares Nacionais preconizam a formação do enfermeiro crítico, reflexivo, transformador da realidade. Mas, estamos formando o enfermeiro com esse perfil?

Artigo publicado na Lancet, em 2010, por Frenk e colaboradores⁽²⁾, propõe reformas instrucionais e institucionais que promovam aprendizagem transformadora e educação interdependente por meio da aprendizagem informativa (aquisição de conhecimento e habilidades), da aprendizagem formativa (socialização dos estudantes em torno de valores) e transformadora (desenvolvimento de atributos de liderança, com o propósito de produzir agentes de mudança). Ressalta-se que o termo utilizado é aprendizagem. Explicitam esses autores a visão de que todos os profissionais de saúde de em todos os países deverão ser educados para mobilizar conhecimento, ter raciocínio crítico e conduta ética, e ser competente para participar de sistemas de saúde centrados no paciente e na população como membros de equipes localmente ágeis e globalmente conectados.

Sendo assim, para Libâneo⁽³⁾, as Instituições de Ensino Superior têm o papel de transmitir a cultura e a ciência, e o compromisso de formar sujeitos pensantes e críticos, com personalidade ética. É de se considerar, assim, que o desafio posto no papel de ser professor de Enfermagem deve ser ressignificado, pois a realidade demanda mudanças. Os jovens que aspiram ser enfermeiros precisam encontrar professores que tenham, na

essência do ensinar, o processo criativo, interativo para formar seres pensantes, capazes de aprender a ser, aprender a conviver, aprender a conhecer e aprender a fazer, como pilares de uma educação para o século XXI, que tem a Educação como um Tesouro a Descobrir (Jacques Delors).

*Enfermeira. Doutora em Enfermagem Professora do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

1 - Pimenta SG, Anastasiou LGC. Docência no ensino superior. v. 1 São Paulo: Cortez; 2002.

2 - Frenk J, Chen L, Bhutta ZA, Cohen J, Crisp N, Evans T, et al. Health professionals for a new century: transforming education to strength health system in an interdependent world. Lancet. 2010;(376):1923-58.

3 - Libâneo JC. Conteúdos, formação de competências cognitivas em ensino com pesquisa: unindo ensino e modos de investigação. Cadernos de Pedagogia Universitária. São Paulo: Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo; 2009. v.11.